

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 84
Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 12500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A: QUESTÃO CLERICAL

Em artigos diferentes, desde setembro findo publicados n'este semanario, vimos o que são as irmãs da caridade nos collegios e nos hospitaes, o que ellas valem ensinando creanças e tratando enfermos.

Mas varios liberaes querem que se prohibam certas congregações e que se admittam outras!

Como, se todas ellas valem o mesmo?

Como, se o attentado á natureza—tem-o provado o Povo de Aveiro em vinte annos de propaganda continua—como, se o attentado á natureza, á liberdade, á fraternidade, á paz, á emancipação humana, está na propria religião, está na base e na essencia de todas as religiões?

Qual é a congregação que não incita os filhos a abandonar os paes, os paes a abandonar os filhos, os irmãos a abandonar os irmãos, se Christo—evangelho de S. Matheus, cap. XIX, v. 29—o meigo Jesus, como lhe chamam os idiotas, disse:

«Quem abandonar por mim a sua casa, os seus bens, os seus irmãos, as suas irmãs, o seu pae, a sua mãe, a sua mulher ou os seus filhos receberá desde esse momento o centuplo em casas, em bens e em parentes e possuirá a vida eterna?»

A imbecilidade que escreve em alguns dos jornaes portuguezes, claro é que nunca estudou nem estuda as questões. Repete d'ouvido o que apanhou n'outras imbecilidades consagradas como eruditos e sábios. Os sábios entre nós são infelizmente muito poucos. Os estudiosos pouquissimos tambem. E, assim, são geraes as asneiras escriptas sobre Jesus, sobre o meigo Jesus, sobre o doce Jesus, cuja individualidade, que poucos estudam, serve de pretexto a esta rhetorica enfatuada e chocha que tanto abunda em Portugal e que é o maior caracteristico da nossa decadencia intellectual.

Não se viu, pelo excellente romance de Daudet, que os leitores do Povo de Aveiro—os que o não conheciam já—tiveram occasião de conhecer pelo nosso resumo, que no protestantismo, como no romanismo, os attentados á natureza e á familia são eguaes?

Porquê? Porque as sementes do mal estão no evangelho, estão na propria religião christã. E eis tudo.

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê? Para quê, se foi o proprio Jesus que collocou o amor do proximo abaixo do amor de Deus? Para

que, se foi Jesus, ao contrario de Deus que tinha dito na Biblia: *crececi e multiplicae-vos*, se foi Jesus que proclamou o desprezo da carne e glorificou a abstinencia sexual? Se foi Jesus que disse:—evangelho de S. Matheus, cap. XIX, v. 12—«Ha castrados que nasceram assim do ventre de sua mãe; ha outros que a si mesmo se castraram para obter o reino dos céos?»

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê, se foi Jesus—evangelho de S. Matheus, cap. X, v. 34—que exclamou: «Eu não vim trazer a paz á terra?»

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê, se—evangelho de S. Marcos, cap. XII, v. 49—foi o proprio Christo que affirmou: «Eu vim trazer o fogo á terra e quanto mais depressa ella arder tanto melhor?»

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê, se Jesus lançou ao mundo—S. Matheus, X, 39—esta terrivel affirmação: «Vim separar o homem de seu pae, a filha de sua mãe, a nora da sua sogra?»

Se Jesus—S. Matheus, X, 37—continuou: «O que amar o seu pae ou a sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; o que amar o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim?»

Se—S. Lucas, XII, 52—Jesus concluiu: «De hoje em diante haverá na mesma casa cinco pessoas divididas, tres contra duas e duas contra tres?»

«Para quê?»
Como diz Letourneau (*L'Évolution Religieuse dans les diverses races humaines*, pag. 543 a 557) «o christianismo, completamente destituído de originalidade, é feito de bocados e de farapos. Por outro lado, os philosophos e os escriptores da antiguidade greco-romana não precisaram que apparecesse o christianismo para exprimir os largos sentimentos de egualdade, de fraternidade, etc, com que, uma vez liberta do judaismo, a religião de Christo se enfeitou.

E' pela excellencia da sua moral que o christianismo pretende sobretudo triumphar; mas a ethica christã não é mais original do que os seus dogmas e é muito mais criticavel. Os mais nobres preceitos do christianismo são simplesmente um echo dos escriptos biblicos, sobretudo dos prophetas.

A glorificação da passividade, da humildade atravez de tudo, da ociosidade fazem tambem do christianismo uma religião incompativel com a vida de qualquer sociedade.

Mas o grande crime do christianismo, aquelle que nunca se lhe pôde perdoar, é a sua selvagem

intolerancia. O jugo sanguento, que a religião de Jesus tem feito pesar sobre a élite da humanidade, sem ser directamente prescripto no evangelho, lá existe contudo em germen nos versiculos onde o messias christão proclama que veio dividir e não unir, separar o homem de seu pae, a filha de sua mãe, trazer a espada e não a paz á terra. Uma vez postos os preceitos, os fanaticos se encarregaram de lhe tirar as consequencias praticas. Desde que deixou de ser perseguido, o christianismo tornou-se violentamente perseguidor.»

Dupuis, (*Origine des cultes*); Burouff, (*Science des religions*); Havet, (*Origines du christianisme*); Mortillet, (*Le signe de la croix avant le christianisme*); Vinson, (*Les Religions actuelles*); White, (*Histoire de la lutte entre la science et la théologie*); Draper, (*Les conflits de la science et de la religion*); Guyot, (*Études sur les doctrines sociales du christianisme*); Guyau, (*L'Irréligion de l'avenir*) e outros eruditos, e outros sábios, que deveriam ler todos esses que falam inconscientemente sobre o meigo Jesus, abundam plenamente nas opiniões de Letourneau.

«Seculos e seculos, escreve este notavel homem de ciencia, padres e seculares não fizeram outra coisa senão glorificar o christianismo. A voz que se erguesse para formular uma critica era immediatamente abafada. Só era permitida a apologia que foi feita e refeita por milhares de escriptores.»

D'ahi vem a ignorancia com que a maioria, a grande maioria, ainda fala hoje sobre o christianismo.

Contudo, a opinião dos investigadores, dos sábios, dos philosophos é unanime.

«A vida dos frades e das freiras era pouco edificante. Os testemunhos abundam: *comidos, cupidos, avaros, mentirosos, preguiçosos, hypocritas*, eram os epithetos que ordinariamente lhes davam na idade média. No seculo XVI, uma inspecção feita aos conventos da Austria e dos paizes que d'ella dependiam, deu a conhecer que havia, em cento e vinte e dois mosteiros, 436 frades, 160 freiras, 199 concubinas, 55 mulheres casadas e 443 creanças. Eudes Rigaud, arcebispo de Rouen, visitou no seculo XIII o priorado de Villareau, onde encontrou 23 freiras professoras e tres conversas: a prioreza embriagava-se todas as noites; as freiras bulhavam; nove d'entre estas, que especialmente designou, deixavam de tempos a tempos o claustro para irem viver com homens—clerigos o mais das vezes—dos quaes tinham filhos. Clemangis dizia, no seculo XV, que obrigar uma virgem a tomar o véo era *vota-la publicamente á prostituição*. Isidoro de

Sevilla, no seculo VII, distinguia já seis especies de frades, das quaes tres a todos os titulos despreziveis. Em Hespanha, mesmo no reinado de Philippe II, os *bastardos* filhos de clerigos e de frades eram tantos que as côrtes tiveram de os submeter a uma taxa especial.

Em França, nas duas primeiras raças, os frades vexavam e opprimiam o povo, caçavam, jogavam, corriam as cidades e os campos, mantinham concubinas, debochavam as raparigas nobres, iam á guerra e commerciavam. Por outro lado sabe-se que não davam guarida nem a escravos, nem a servos, nem a enfermos e que eram duros com os pobres.

Os frades vagabundos eram verdadeiros salteadores, o terror dos rendeiros e das mães, frascarios sem vestigios de pudor. Sabe-se o papel que elles desempenham nas anedoctas e nos contos. Quanto á ciencia e aos trabalhos dos reclusos da idade média, está hoje provado que isso é uma verdadeira lenda desmentida pelos factos. A parte muito raras excepções, deixavam comer pela traça, apodrecer e cobrir-se de bolor os manuscriptos das suas bibliothecas, aos quaes cortavam as margens para lhes escrever orações que vendiam ás beatas, ou raspavam para rabis-car padre nossos, ou mutilavam como esse frade de Provence, em Villeneuve-lez-Avignon, que arranjou, á custa d'um numero consideravel de livros que inutilisou, uma savelha colleção de iniciaes que collava com cuidado n'um grande caderno.» (*Julien Vinson—Les Religions Actuelles, leur doctrines, leur évolution, leur histoire*, Paris, 1888, pag. 419 a 421).

Eis como este notavel orientalista, dos mais considerados no mundo, encara a fradalhada e tudo o que diz respeito a congregações religiosas.

Não obstante o sr. Marianno de Carvalho, que tambem passa por sábio n'este paiz de ignorantes e de intrujões, considera *obsoleta* a lei do ministro constitucional Joaquim Antonio d'Aguiar!

Marianno de Carvalho e outros. Já é audacia. Audacia que, aliás, não teriam se não soubessem que estavam falando n'um paiz de burros.

Guyau, outro philosopho e pensador de reputação universal, apresenta-nos no seu estudo sociologico *L'Irréligion de l'Avenir*, a moral christã em completa dissolução. E' notavel todo esse livro; mas no capitulo III, em especial, mostra Guyau a incompatibilidade da moral humana com a moral divina.

«Não censuraremos, pag. 157 e 158, o christianismo por ter

visto no amor o principio de todas as relações entre os seres racionais, de toda a lei moral e de toda a justiça. A falta do christianismo,—falta que se não encontra na outra religião parallela do Oriente, o budhismo—está em que o amor dos homens é concebido por elle como absorvendo-se em ultima analyse no amor de Deus. O homem não é amado senão em Deus e para Deus e a sociedade humana, toda ella, não tem os seus fundamentos e a sua regra senão na sociedade dos homens com Deus. Ora se o amor bem entendido do homem pelo homem implica o respeito e a observação do direito não succede o mesmo com o amor do homem por Deus e para Deus. A concepção d'uma sociedade fundada sobre o amor de Deus contém em germen o governo theocratico com todos os seus abusos.»

Emfim, Guyot, outro publicista e escriptor de reconhecida superioridade, attentando na moral christã, moral de passividade, de resignação, de obediencia, de servilismo, contraria á natureza e ao destino do homem, chega, nos seus *Études sur les doctrines sociales du christianisme*, á conclusão de que o christianismo, comparado com as doutrinas philosophicas que tomavam vóo quando elle surgiu, foi um recuo.

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê? E' certo que Jesus, como todos reconhecem, teve as mais altas qualidades pessoas. Mas não tinha a educação necessaria para fazer uma religião de reforma. Mas o seu temperamento era o de um mystico e como tal havia de se concentrar mais no céo do que na terra. Mas, consciente ou inconscientemente, deixou em germen os nefastos principios da intolerancia, do odio, da repulsão da familia e da carne.

E uma vez postos esses principios, como diz Letourneau muito bem, *os fanaticos se encarregaram de lhe tirar as consequencias praticas*.

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para quê? Todas ellas attentam contra o principio da humanidade e da familia. Todas ellas admittem a obediencia ao tyranno do céo e ao tyranno da terra, representante directo d'aquelle junto dos homens. Dae a Cesar o que é de Cesar! Todas ellas admittem que quem abandonar pae e mãe por Christo possuirá o triplo em familia e a vida eterna. Todas ellas admittem que quem se castrar por amor de Deus obtem o reino dos céos. Todas ellas admittem que quem amar pae e mãe mais do que a Jesus não é digno de Jesus. Todas ellas acceitam a palavra do filho de Deus: «De hoje em diante haverá na mesma

casa cinco pessoas divididas, tres contra duas e duas contra tres.

Supprimir umas congregações e auctorisar outras para qué? Não vistes o fanatismo protestante no romance de Daudet?

Abaixo todas ellas.

Abaixo.

Haja a religião da liberdade, do direito e da justiça, que não póde ser outra a religião d'esse symbolo que se chama Deus.

Amemo-nos e respeitemo-nos. Mas amemo-nos e respeitemo-nos como homens, eguaes em deveres e em direitos.

E' necessario, é indispensavel que a humanidade caminhe para aqui.

E ha de caminhar.

Mas sem religiões falsas e sem congregações.

Tendo-nos sido obsequiosamente enviados os numeros da *Medicina Contemporanea* onde o illustre homem de sciencia, dr. Miguel Bombarda, ao qual no ultimo numero fizemos uma referencia de memoria, trata a questão das irmãs hospitalarias, n'um dos proximos numeros voltaremos a falar sobre esse assumpto.

Muito agradecemos a offerta.

Cartas d'Algures

14 DE MARÇO.

O que devemos nós ao clericalismo?

Um amigo meu, que é capitão do exercito, dizia-me ha poucos dias:

«Os senhores serão anti-clericaes por sentimento. Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro e outros d'esses homens que constituem a verdadeira desgraça da nação, escrevem que a questão religiosa é grave e que, como tal, convém evita-la, porque excita o sentimento. Isto é o mesmo que dizer que tão fanaticos são os senhores e tão perigosos como os clericos; que nos senhores, como n'elles, é a paixão o mobil de todos os actos e procedimentos.

Não sei se será isso. Por mim, repillo essa insinuação que é, no fundo, uma injuria.

Os senhores serão anti-clericaes por sentimento. Evidentemente tambem em o sou, porque o sentimento não se arruma a um canto como uma bengala. Mas o meu sentimento conjuga-se e casa-se intimamente com a minha razão.

Os senhores andarão excitados, apaixonados. Eu ando, de ha muitos annos, simplesmente indignado. E a minha indignação não abandona nem passa. Sabe porquê? Porque tenho sempre deante dos olhos o doloroso fructo da influencia clerical.

Os senhores vivem com gente culta, ou que possua, para falar com maior propriedade, um verniz de cultura. Gente rica ou remediada. Os senhores não chegam até ao povo; ou, quando chegam, é até ao povo das cidades, onde não se descobre bem o horror da nação. Eu vivo sempre com o homem da aldeia. Ha vinte annos que eu vejo passar deante de mim, pelos meus olhos, a nação, a verdadeira nação. Entra e sahe, continuamente, a porta do quartel.

Que horror, meu caro amigo! Que horror!

Ha vinte annos que eu vejo a patria bestializada, a patria barbara, selvagem, moribunda. Sempre! Sempre! Não lhe vejo melhora. E' todos os annos a mesma coisa.

Não são homens. São burros. Os senhores iludem-se. Os senhores não sabem o que é o paiz. Os senhores ainda se julgam, mais ou menos, n'um paiz de homens, quando os senhores estão,

simplesmente, n'um paiz de burros. Venham aqui estudar ao exercito. Venham aqui vêr. E n'esses milhares de homens que chamam soldados da patria, e que se reúnem em nome da patria, e que marcham ao som de musicas que entoam hymnos da patria, e que vêem constantemente erguer-se aos seus olhos uma bandeira que é o symbolo da patria, não ha um cento que tenham uma idéa do que seja patria!

E' horroroso, não é assim?

Pois é a grande e pura verdade. D'aquellas verdades que ninguém diz porque os senhores vivem, a proposito de tudo, n'uma completa mystificação. Um dos deveres officiaes n'esta terra é enganar, é mentir. Uma das primeiras obrigações da burocracia é esconder a verdade, é desvirtuar a verdade, é mentir.

Não lhe minto eu, meu caro amigo. Ha vinte e cinco annos que sou militar. Ha vinte que sou official. Nunca andei em commissões. Nunca tive nichos. A minha vida foi sempre na caserna, no quartel. Não sou dos que passam pelas coisas sem olhar. Não sou dos mais estúpidos. Tenho razões para saber e auctoridade para falar. Pois fique n'isto: de milhares e milhares de homens que eu tenho, não direi encontrado mas conhecido a fundo, com quem tenho vivido, privado, mantido o mais intimo contacto, ainda não encontrei um que não soubesse rezar. Rezar, todos. Temor a Deus, todos. Fóra d'isso, a mais profunda e completa bestialidade.

E d'isto apparece ás vezes um ou outro testemunho avulso. O capitão Gomes da Costa dizia no *Seculo*, ha poucos mezes, que na sua companhia de reservistas só conseguira que um ou dois homens distinguissem as côres da bandeira nacional!

Pavoroso? Pavoroso, sim. E' pavoroso, na verdade. Mas é o fructo do clericalismo. Só! Sómente! E' a influencia clerical de seculos. E' a influencia clerical da actualidade.

Rezar, sabem todos. Temor a Deus, teem todos. Amar a patria, o que é patria ao menos, não sabe nenhum, ou sabem tão poucos que se podem contar como nenhum. E não vibrará na sua alma este sentimento de patria? Oh! se vibra!

No exercicio das minhas funções sou obrigado a dar aos soldados da minha companhia a idéa de patria. E costume faço lo de fórma a marejarem-se-lhes os olhos de lagrimas.

Mas restava-me uma duvida: esta commoção seria filha d'um altivo sentimento ou seria a dôr piegas de se verem por uns mezes longe dos amigos e parentes?

Este anno tirei a duvida. Comandei tambem uma companhia de reservistas. No programma de ensino que me distribuiram, lá vinha a noção de patria.

Esperei para o fim. Na vespéra da partida, já instruídos militarmente, já soldados, porque o eram e dos melhores, manobrando magnificamente, com garbo e correcção, formei-os para o ultimo ensino. Eram 78 homens. E disse-lhes o que era patria.

Patria era o seu berço, a terra da sua infancia, a terra do seu amor, a terra sempre querida, a terra que nunca esquece. A gente vae, mundo fóra, e o pensamento fica lá. E ali se vae a alma alimentar para que o corpo resista a todos os abalos e soffrimentos.

Quando um desgosto nos colhe, quando uma contrariedade funda nos abala, é sempre ella, imagem seductora, fada d'encantos, que se ergue aos nossos olhos para nos inculir paciencia, resignação e coragem. E' o melancolico—melancholico e alegre—sino d'aldeia, soando aos nossos ouvidos, é o canto do nosso rouxinol, cantando nas balsas onde brincamos em pequeninos.—aquelle rouxinol que é o nosso, que é o da nossa terra, que can-

ta melhor do que nenhum, agradando-nos todos os outros só porque nos lembram o nosso e o sitio onde elle cantava,—é o ruído manso do ribeiro entre choupos ou espumante e bravo entre fragas, que, quando estamos longe, nos acalma as nossas cóleras ou nos suavisa as nossas máguas. E' a imagem dos nossos filhos no berço ou da nossa noiva amada que nos dá animo ao entrar na batalha, que nos dá esperança na derrota ou generosidade no triumpho.

Novos, a patria é o nosso estimulo. Velhos, a patria é o ultimo clarão e o ultimo conforto. Das mais longinquoas paragens, alli queremos vir morrer. E como o céu que o sol enche de rutilações, que são as mesmas rutilações da alvorada,—singular parecença do nascimento com a morte!—ao mergulhar no occaso, assim quando a vemos, longos annos decorridos, a alma se nos rejuvenesce e illumina na contemplação extatica de tudo aquillo que foi a mocidade, que foi o amor, que foi a vida. E a morte, essa tenaz cruel e sombria que dos cincoenta annos para cima nos muda o rosto, frisando-o em ironias, em azedumes, ou empapando-o em papos senis, essa nuvem carregada de negrumes, é como que varrida, como que açoutada por instantes. Depois volta. Mas volta mais suave. Vem com a saudade, essa dôr que é dôr e allivio juntamente.

Felizes, a patria é o amplo campo de expansão a essa felicidade. Infelizes, é o cofre onde vamos fechar as nossas dôres. Repicando os sinos ou dobrando, pelo nascimento ou morte dos nossos filhos, dando-nos sorrisos ou recebendo lagrimas, é sempre o grilhão que nos prenda á existencia. Alli nascemos, alli queremos morrer. Assim o diz o povo e dizendo isso disse tudo.

Se ganhámos triumphos e glorias, é na nossa terra que as queremos ostentar. Se nos dão as recompensas fóra d'ella, ha sempre uma falta, ha sempre um vacuo. Se as injustiças partem d'ella, o coração sangra mas perdôa.

Soldados! Houve um homem n'este paiz que foi um dos maiores homens da terra. Teve por recompensa do seu genio, dos seus grandes serviços, das suas enormes virtudes, a calumnia, a cadeia e a fôrca. Pois assim mesmo esse homem dizia da sua patria:

Esta é a ditosa patria minha amada!

Soldados! Defender a patria é defender a honra e os ossos de vossos avós, é amparar vossos paes na velhice, é defender as mulheres que amaes, é salvar os campos e logares onde nascestes e brincastes, é dar vida e dignidade a vossos filhos.

Sósinho, cada um de vós não o poderá fazer. Cada uma das vossas aldeias é pequena demais para encargo tamanho. Teem que se alliar. Teem que se unir. E é da união de tantas aldeias onde se fala a mesma lingua, onde os homens são parecidos, tendo todas a mesma origem, a mesma raça e os mesmos interesses, d'onde sahiram em tempos, juntos, unidos tambem, esses que se chamaram como nós hoje, portugueses, e que encheram de gloria este nome no mundo, que se fórma a grande patria portugueza, Portugal, a nação mais gloriosa da terra em tempos que são idos.

Soldados! Honremo-la e nobilitemo-la, que, honrando-nos, honrámos a memoria dos nossos avós que a ergueram ao cume da grandeza e honrámos o nome de nossos filhos.

E vi os olhos d'esses homens quasi todos marejados de lagrimas. A dois ou tres, as lagrimas caíam-lhes mesmo, caladas, pelo rosto abaixo.

Não era a saudade piegas. Partiam no dia immediato. Não. Sentiam o que eu dizia, como eu proprio o senti, que tive de aba-

far, na voz vibrante do commando, a commoção que me invadia.

Mas se o aldeão sente tão facilmente o nobre sentimento da patria, como admittir que não tenha a minima noção de idéa de patria?

Se o padre lhe ensina tanto sobre Deus, porque lhe não ensina alguma coisa sobre patria?

Ainda se a propria idéa de Deus fosse a idéa d'um Deus de justiça, de liberdade, de progresso e amor!... Mas não. E' o Deus absurdo do castigo, da oppressão e da vingança. E' o Deus que duvida e zomba de todos os progressos e conquistas do espirito humano. E' o Deus que se ria da medicina, que abomina a chimica, que repelle as mathematicas. E' o Deus que mata o filho do justo, porque o quer para elle, e que conserva o filho do malvado, porque o filho do malvado não lhe couvem. E' o Deus que origina todas as infelicidades e desgraças que flagellam o genero humano. E' um Deus de estupidéz, de superstições e de tyrannia.

O Deus do direito, da liberdade, do progresso, da bondade, do amor não o conhecem nem o veneram elles. O que elles conhecem e sentem bem é o Deus dos trovões, dos coriscos, dos grandes desastres e dos feitiços.

Você, meu caro amigo, não faz idéa, torno-l'ho a dizer, da profunda ignorancia e do embrutecimento do paiz. Sem ser obrigado a isso pelo regulamento, já me tenho mettido a dar ensino litterario aos soldados da minha companhia. E' medonho. Tão embrutecidos, tão embrutecidos, que é como que arrancar um homem d'uma fraga.

Poucos são os que sabem lêr. Mas estes mesmos ignoram tudo que lêem. Não conhecem a maioria dos nomes das cidades do paiz. Teem uma selecta militar que lhes fala em Aljubarrota, Ourique, Atoleiros, Du, etc. Nem imaginam o que qualquer d'estes nomes representa! Lêem Castella e não sabem o que é Castella. Emfim, um horror.

Quem tem a responsabilidade d'isto? Não está o meu paiz sob a influencia absoluta do clericalismo ha mais de tres seculos?

Oh! Eu abomino o clericalismo, não tanto já como philosopho, muito menos como sectario mas acima de tudo pelo mal terível que elle tem feito a esta terra.

O clericalismo deixa-nos por um lado o povo, que tem estado nas mãos d'elle, ao mais completo embrutecimento. Por outro lado corrompe-nos os Navarros, os Mariannos, esta desgraça, esta praga de politicos sem escrúpulos, tornando-os versateis, scepticos, impostores, subser-vientes e hypocritas.

São os clericos que fazem d'hestos signrões os homens do *havemos de fazer*, a que se refiria o padre Antonio Vieira, que, apezar de padre e jesuita, era odiado mortalmente pelos mesmos jesuitas.

«Em quanto Portugal, dizia o padre, teve homens de *havemos de fazer* (que sempre os teve), não tivemos liberdade, não tivemos reino, não tivemos corôa. Mas tanto que tivemos homens de *fazamos*, logo tivemos tudo.»

Pois hoje são todos homens de *havemos de fazer*. Ainda o ultimo decreto sobre jesuitas foi de *havemos de fazer*.

Hoje é tudo. O povo bruto. Os politicos todos homens de *havemos de fazer*.

Tal é a obra do clericalismo em Portugal!

A. B.

MANIFESTAÇÕES

Tambem em Aveiro tiveram echo as manifestações anti-jesuiticas que por quasi todo o paiz se vêem fazendo diariamente.

Um numeroso grupo de artis-

tas e estudantes percorrerem no passado domingo á noite as principaes ruas da cidade, soltando vivas á liberdade e morras aos jesuitas. No seu percurso, dirigiram-se os manifestantes á rua de Jesus, onde fizeram uma manifestação de protesto em frente do Convento de Jesus, onde hoje funciona o Collegio de Santa Joanna sob a direcção de religiosas dominicanas. O edificio, porém, estava guardado por uma força de policia que, talvez receosa de que as paredes do convento caíssem desfeitas pelos vivas e morras da multidão do mesmo modo que as muralhas de Jerichó caíram ao som das trombetas de Jesué,—intendeu dever intervir, obstando a que a manifestação se prolongasse e obrigando os manifestantes a seguir novo rumo.

Contra o serviço militar

A tiragem da sorte para o serviço militar foi este anno accidentada em Bruxellas por manifestações de protesto, que pena é não se generalissem pelo mundo inteiro, como garantia definitiva da paz e da libertação humana.

Um dos conscriptos, ao metter a mão na urna, gritou: «Abaixo o exercito! viva a Revolução!» Outro recusou-se a tirar o numero, «porque a sua consciencia lhe não permitia os jogos de azar.»

Como symptoma, já não é mau.

Eu sou d'aquelles que não querem irmãos da caridade em politica alguma, de nenhuma organização, com nenhuma fim, com nenhuma mistura de auctoridades civis e ecclesiasticas (apoiados); sou d'aquelles que não quero nem as francezas, nem portuguezas (apoiados); nem esse ridiculo instituto que ao governo parece uma criação canonica e que é um absurdo civil (apoiados).

Assim falava José Estevão em 9 do julho de 1861, na camara dos deputados.

Molhe do Sul

Affirma-nos pessoa competente que não é exacta a noticia dada por alguns jornaes, de que o Molhe do Sul soffreu grandes estragos com o tempo que ultimamente tem feito. Apenas o embate das ondas fendeu alguns dos antigos blocos já quasi esboroados, que jazem isolados em volta da *meia lançanja*. As antigas fendas nada, absolutamente nada soffreram, pela razão irrefutavel de que estão já tapadas nos pontos onde a sua existencia era mais perigosa para a conservação do molhe, e o proprio molhe consolidado nos locais onde a arrebatção do mar é maior, por um processo que tem dado optimos resultados e que consiste na agglutinação de todos os blocos dispersos n'um unico monolitho solidario com o massiço do paredão.

A esta obra tem a Junta da Barra attendido na medida das suas forças, e em tempo proprio para trabalhos d'este genero. Obras d'esta natureza não são das que se fazem *quanto antes*, mas sim quando as circunstancias as tornam possiveis.

E ali fica o desmentido a uma noticia que, crêmos, foi dictada por informações menos exactas.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

«O NORTE»,
Em Aveiro vende-se no Kiosque Central.

FRANCISCO RODRIGUES DA GRAÇA

Victima do fatal ataque, que soffreu, como noticiámos no ultimo numero, falleceu ás 5 horas da manhã do dia 12 do nosso saudoso amigo Francisco Rodrigues da Graça.

Sem riquezas nem talentos para o fazer sobresahir, o merito de Francisco Rodrigues da Graça era maior do que o de muitos heroes, porque era o merito de um justo e de um bom.

Alma sempre aberta á generosidade, ao progresso, á liberdade, á redempção da humanidade, redempção que o seu espirito inculco via por instincto de intelligencia e de character!

Foi dos primeiros que se agruparam, ha vinte annos, quando a idéa democratica mal principiava a alastrar-se em Portugal, para constituir o grupo republicano em Aveiro. E com que dedicação e lealdade não serviu até fim esses principios!

Alguns debandaram. Outros tantos desanimaram. Quasi todos cheios de perfidia e de malquerença. Francisco Rodrigues da Graça ficou sempre o que era: honrado, modesto e leal.

Os outros iam movidos principalmente pela vaidade ou pelo despeito. Elle ia pelo instincto do bem, da liberdade, do progresso.

O Povo de Aveiro, que pôde dizer com auctoridade haver já prestado relevantes serviços á liberdade, aos progressos d'esta terra em particular e do paiz em geral, para os quaes tem concorrido com uma propaganda de luz feita sem o desanimo de uma hora, sem o afrouxamento de um instante, deve a Francisco Rodrigues da Graça uma parte da sua existencia.

Bastaria este titulo para fazer do nosso saudoso amigo um benemerito.

Fundado ha 19 annos, o Povo de Aveiro encontrou sempre ao seu lado o querido amigo cuja falta profundamente lamentámos. Em todas as nossas luctas, em todas as nossas vicissitudes, Francisco Rodrigues da Graça appareceu sempre prompto a auxiliar.

Ainda este verão, com aquella sinceridade que fazia do seu typo um dos mais queridos de Aveiro, elle nos dizia: «Eu cá estou sempre prompto para o que for preciso. Não sei escrever e é a maior mágua que eu tenho.

Mas sei apreciar e applaudir o que os outros escrevem quando escrevem como o meu amigo. Estou ao seu dispôr.»

E estava. E, repetimos, todos nos abandonaram, menos elle!

Se o Povo de Aveiro tem, como crêmos, prestado serviços á sua terra e ao seu paiz, se de alguma coisa tem valido a sua propaganda, todo o elogio de Francisco Rodrigues da Graça está feito, dizendo nós:

Todos nos abandonaram, menos elle!

Todos!

Ninguém em Aveiro ligou o seu nome á propaganda d'este periodico, senão elle.

Ninguém em Aveiro nos acompanhou lealmente senão elle.

E, felizmente, nunca d'ahi lhe advieram dissabores nem transtornos.

Que descance em paz o nosso saudoso amigo.

POEIRA...

Apesar da publicação do decreto de 10 d'este mez, humoristicamente já baptisado com os nomes de *decreto-pedra* e *decreto poeira*; sem embargo da portaria inserta no Diario de 12 do corrente, com que o sr. presidente de conselho de ministros esclarece o referido decreto, para o qual deseja um *cabal e immediato cumprimento*; não obstante tudo isto, chega de pontos do paiz, onde a reacção até hoje tem tido coito seguro, a noticia de que a invasão jesuitica prosegue descaradamente.

Não é preciso mais nada do que a conjugação d'estes factos para produzir a convicção de que o governo só tem em vista arremessar poeira aos olhos do povo.

Pois pôde lá comprehender-se que quem está na firme tenção de acabar de vez com o ultramontanismo, dando cumprimento a leis anti-jesuiticas até hoje não revogadas, tolere que o paiz seja abertamente invadido por bandos numerosos e successivos de jesuitas, que do estrangeiro fogem a toda a pressa, antecipando-se á expulsão imminente que os ameaça?

Pôde lá acreditar-se que quem legisla contra o jesuitismo e assiste de braços cruzados a invasão que Portugal, pensa em cumprir as leis do paiz, que não permitem taes homens dentro das nossas fronteiras?

Não se pôde comprehender, não se pôde acreditar. Ou por outra: comprehende-se de mais. E não ha nada como os factos, para argumentar.

Manda o decreto de 10 do cor-

rente que os governadores civis procedam a um inquerito rigoroso em todo o reino, sobre a existencia das ordens religiosas.

Mas quem dará credito ás accusações que d'esse inquerito resultarem? O governo? O chefe do Estado?

Vejam como, sobre o assumpto, falava, em 13 do corrente, um jornal retintamente reaccionario, a «Palavra», do Porto:

Pois não é á sombra da protecção d'esses senhores (El-rei e os governos) que



FRANCISCO RODRIGUES DA GRAÇA

as congregações religiosas se tem desenvolvido?

Não tem o governo portuguez, sem distincção de partidos, subsidiado, e muito louvavelmente, os padres do Espirito Santo, que estão prestando relevantes serviços nas nossas possessões africanas?

Não é o governo portuguez quem protege os jesuitas na sua missão da Zambesia, missão que tem sido a necropole dos Padres da Companhia de Jesus?

Não é o governo quem protege as missões dos Padres Franciscanos na Beira?

Não é o governo quem protege as irmãs de S. José de Cluny e as sollicitou para serem as enfermeiras dos nossos soldados nas campanhas d'Africa?

Não foi sua magestade a rainha que trouxe para Portugal as Dominicãs, a fim de lhes confiar a direcção do seu Dispensario em Lisboa e no Porto?

Não tem o governo e El-rei mostrado de mil modos a sua sympathia e até admiração por esses verdadeiros peoneiros da civilisação, sempre que se lhes tem offerecido ensejo?

—Vós tratae-me ainda melhor do que dizem as vossas palavras, nobre cavalleiro, respondeu em voz lacrimosa o pobre Wamba, que não pôde renunciar aos seus habitos de bobo, nem mesmo perante a perspectiva de uma morte immediata;—se me daes o barrete encarnado, de um simples frade fazeis um cardeal.

—Pobre diabo! disse De Bracy, quer ser bobo até á morte. Testa-de-Boi, não mandeis matar; dai-m'o para servir de divertimento á minha companhia franca. Que dizes a esta condicção? Queres a vida com esta amigão e ir comigo para a guerra?

—Quero, se meu amo consentir, respondeu Wamba; porque, bem vêdes, accrescentou elle, tocando no seu collar, eu não posso tirar isto sem sua licença.

—Ora audeu, uma serra normanda corta n'um instante um collar saxão, disse De Bracy.

E haver ainda, não ingenuos, que o tempo já não vai para ingenuidades, mas palermas que acreditem na efficacia do decreto.

Pois, porventura, pôde tomar-se a sério alguma coisa d'isso que o governo decretou?

Olhem um inquerito com elementos cathogoricos, como os que a «Palavra» fornece!..

Olhem um decreto sophistico, como o de 10 do corrente!..

E voltem agora os olhos para as fronteiras, e vêde os bandos enormes de jesuitas, e vêde os que dia a dia as invadem, sem que o governo portuguez, que se diz estar na intencção de cumprir a lei de Joaquim Antonio de Aguiar, dê a minima ordem para que a invasão não prosiga.

E é prosiga se diz em vespuras de os expulsar, que os acceita e lhes dá asylo!

Um inquerito?!

Mas então o governo precisa que os governadores civis lhe digam que no reino existem estabelecimentos religiosos prohibidos por lei?

Pois a existencia das diversas disposições legais anti-jesuiticas, posteriores ao decreto de 1834, e os protestos calorosos e espontaneos do povo no momento actual contra a reacção, não provam por si só que a lei tem sido illudida?

Pois o governo não sabe se existem nem onde existem semelhantes estabelecimentos, e muito an-

tes que a onda hostil das manifestações populares attingisse alguns d'elles, já elles se achavam, por ordem superior, guardados pela policia?

Um inquerito?!

Mas o governo, segundo declaram os proprios reaccionarios, protege e subsidia a reacção, admira e louva, sempre que a occasião se lhe offerece, os **relevantissimos serviços prestados por esses verdadeiros peoneiros da civilisação**, como, sem reboço, dizia a «Palavra» de 13 do corrente!

Um inquerito, para quê?

Para deixar ficar os que já estão e acceitar os que veem vindo?

Quando o desprezo da lei é um facto do dominio publico, não ha de que inquerir; o inquerito está feito e concluso; e tudo o que não seja cumprir a lei sem tergiversações, é uma especulação tórpe, que nem sequer tem o mérito de deixar os especuladores de bem com Deus e com o Diabo. Poeira!..

Contra o clericalismo

Realisou-se no dia 9, em Saragoça, o comicio dos republicanos federaes contra o clericalismo.

A assistencia foi extraordinaria, sobretudo de parte da população operaria.

Todos os operarios foram unanimes na condemnação do clericalismo.

—E' verdade, nobre sir, disse Wamba; e d'ahi vem o proverbio:

Serra normanda em carvalho inglez, Em cabeça ingleza jugo normando; Colher normanda em prato inglez. Por lei ingleza o capricho normando; Só depois de todos quatro se livrar Na Inglaterra alegria poderá brilhar.

—Fazes bem, De Bracy, disse Testa-de-Boi, em estares a dar ouvidos aos dilates de um doido quando se prepara a nossa ruina! Não vêes que estamos apanhados e que o expediente de que nos servimos para communicarmos com os nossos amigos lá de fóra se mallogrou graças a esse *gentleman* serapintado com quem tu fazes tão boa camaradagem? Que temos nós a esperar senão um assalto immediato?

(Concluida.)

Um d'elles foi até pedir a supressão do culto e do clero como meio de chegar á economia e á paz.

Só a Republica resolverá todavia o conflicto religioso.

«Os liberos, disse um dos oradores, foram que abriram aos frades as portas de Hespanha, quando os viram expulsos de França. Mas o problema religioso não pôde resolver-se só pela expulsão dos frades. Urge separar a Igreja do Estado.»

Todos os oradores foram muito applaudidos, terminando o comicio por gritos vibrantes de: «Abaixo a reacção! Viva a Republica!»

PUBLICAÇÕES

«OS HUMILDES»

Da acreditada livraria Chardon recebemos aquelle primoroso livro de José Caldas. Agradecemos aos benemeritos editores a sua offerta.

Do livro que dizer, sendo escripto por José Caldas?

O seu valor está no nome do seu auctor, sendo este, como é, um dos mais notaveis escriptores do paiz.

Como o proprio nome indica, José Caldas põe em luz os nomes dos humildes, dos desconhecidos intelligentes e bons, que veio encontrando na vida.

«...Irei arrancando ás trévas do esquecimento em que a indifferença dos seus contemporaneos os encerrára, os nomes dos humildes que eu conheci, alguns dos em tratei, cujas sepulturas nem sempre tiveram lettras, e cujos trabalhos e desventuras ninguém ainda celebrou.»

Intuito de justiça nobremente cumprida.

«A FERRO E A FOGO»

Romance do celebre polaco Henrique Sienkiewicz, traduzido por Olympio Monteiro, edição da acreditada casa de Lisboa *Tavares Cardosa & Irmao*, á qual agradecemos a offerta.

Um romance do auctor do *Quo Vadis* merece ser adquirido por todos os amadores de bons livros. Tanto mais quanto é correcta a traducção e excellente a impressão.

ANNUNCIOS

FEIRA DE MARÇO

EM AVEIRO

CALÇADO DE VIZEU

O abaixo assignado, proprietario da *Sapataria Elegancia*, de Vizeu, tem a honra de participar aos seus Ilustres Clientes e ao Publico em geral, que este anno expõe n'esta feira um brilhante sortido de calçado que não tem rival, tanto em qualidade como em perfeição e solidez.

Especialidade para senhoras, cavalheiros e creanças.

O annunciante pede a concorrencia á sua barraca na rua do Calçado, para affirmar a todos que a obra alli exposta não é confeccionada *como para feiras*, mas sim com a mesma solidez e perfeição como se fosse fabricada para a NUMEROSA FREGUEZIA D'ESTA CASA, uma das primeiras de Vizeu.

O proprietario da *Sapataria Elegancia* de VIZEU

Antonio Joaquim Lopes de Vasconcellos.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

(83) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

Mas a sua riqueza será o menos que elles poderão dar; além d'isso tem de dispersar esses enxames que rodeiam o castello, assignar uma renuncia ás suas pretendidas immuidades, e viver como nossos servos e vassallos. E considerem-se muito felizes se na era nova que vaee começar lhes deixarmos o vedor dos narizes!—Ide buscar o sopro do Cadric, accrescentou elle dirigindo-se a dois dos seus guardas, e perdão-vos por esta vez o que confundistes um doido com um franklin saxão.

—Hum! fez Wamba, vossa calorosa excellencia encontrará aqui mais doidos do que franklins.

—Que quer dizer esse maroto? disse Testa-de-Boi olhando para os guardas; estes, tremulos e receiosos, responderam em voz hesitante que, se não era Cadric quem elles tinham na sua presença, não sabiam o que fóra feito d'elle.

—Santos do céu! exclamou De Bracy, querem ver que se escapou disfarçado com o habito de frade!?

—Com todos os demonios do inferno! bradou Testa-de-Boi, foi então o carrasco de Rotheword que eu conduzi á poterna e puz fóra com as minhas proprias mãos! E tu, disse elle a Wamba, cuja lencura enganou o juizo d'idiotas mais estupidos do que tu, quero dar-te ordens sacras, quero abrir te a corôa! Olá, arrancaem-lhe a muralha de cabeça e atirem-na do meu officio é rires-te: tambem te ris agora?

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALVARO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa do **Manuel José de Mattos Junior**—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café erú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneras do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereas e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALOUILLARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christie)

N'esta casa continha a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

POVO DE AVEIRO

Almanach illustrado

no

“**OCCIDENTE**”

Para 1901

Este excellento almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa. O *Almanach do Occidente para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bossaco, ouvento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataca, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portinguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobrahando uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustrados dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel *Almanach*, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, Largo do Poco Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fastiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções de maior intensidade e affectos de mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, mediando 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHAO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfateria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir do Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

88—Praça da Batalha—**PORTO.**

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo isto sobrejo
(Lus. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

—*—
NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.